

Oceano Pacífico

Oceano Atlántico

Oceano Pacífico

Oceano Índico

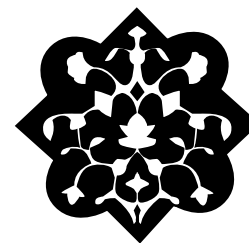
o 3000 km



Alexandra Lucas Coelho

CADERNO
AFEGÃO

UM DIÁRIO DE VIAGEM



COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMIX

PREFÁCIO

© 2009, Alexandra Lucas Coelho
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Caderno Afegão. Um Diário de Viagem*
Autora: Alexandra Lucas Coelho
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Vera Tavares

1.ª edição: Setembro de 2009

ISBN 978-989-671-007-1

Depósito Legal n.º 298549/09

EU NUNCA FUI A CABUL. Nem a Jalalabad, nem a Kandahar, nem a Mazar-i-Sharif.

Conheço estes nomes das notícias e que me lembre nunca os terei ouvido por boas razões.

Provavelmente, não há hoje boas razões para se falar de Jalalabad, de Kandahar ou de Mazar-i-Sharif, belos nomes de uma sonoridade que toda ela é já distância.

Ouvimo-los quase diariamente associados a mortos e feridos. A combates e atentados. A senhores da guerra, senhores do ópio, senhores feudais.

Jalalabad, Kandahar, Mazar-i-Sharif, tal como Herat, Bamiyan e mesmo Cabul, não podem ser apenas aquilo que nós, os que nunca as visitámos, somos capazes de imaginar a respeito delas.

Conseguimos imaginar a noite demasiado escura de Jalalabad.

Conseguimos imaginar homens de barba e mulheres de *burqa*.

Conseguimos até imaginar o cheiro a lixo às portas de Herat, onde «cheira tão mal como se tudo estivesse podre».

Já não seremos capazes de imaginar uma família como a de Shaharзад, «uma casa tão pobre que estrela ovos numa

bilha de gás, mas tão rica que lê os filósofos sufis e Wittgenstein».

Como não imaginamos, no país das *burqas* e da *sharia*, uma equipa feminina de boxe treinada por um jovem afegão regressado da América.

Nem imaginamos, entre o cheiro a lixo, o perfume a rosas.

«No meio do trânsito mais tóxico há rotundas com rosas lindas em Cabul.» Parece um verso saído da música suave de Camilo Pessanha: «Floriram por engano as rosas bravas / No inverno.»

Só vendo se acredita.

É preciso ir lá. É preciso que nos levem lá.

E é preciso coragem: para ver as crianças de espinha bífida no hospital de Kandahar; para andar à boleia em aviõezinhos que quase permitem tocar com os dedos o cume das montanhas; para ouvir dizer na língua dos *pashtun* que aquilo que mais lhes falta é *amniat* — sabendo que *amniat* significa segurança — e ainda assim continuar, querer conhecer gente, tomar notas, correr riscos, ver, ouvir, dar a ler.

Este livro é um acto de coragem.

É um acto de optimismo, também.

Paul Theroux explica na introdução a *O Velho Expresso da Patagónia* que «os viajantes são essencialmente optimistas, ou então nunca iriam a lado nenhum».

É esse optimismo que permite a Alexandra Lucas Coelho afastar quaisquer receios com uma espécie de fatalismo paradoxalmente empreendedor: «não há nada a fazer». Mesmo quando por instantes se lhe infiltra na mente a dúvida acerca do desconhecido que a certa altura a transporta, sabe-se lá para onde, numa terra onde «um estrangeiro é um acepipe». «Não há nada a fazer.» E a viagem continua.

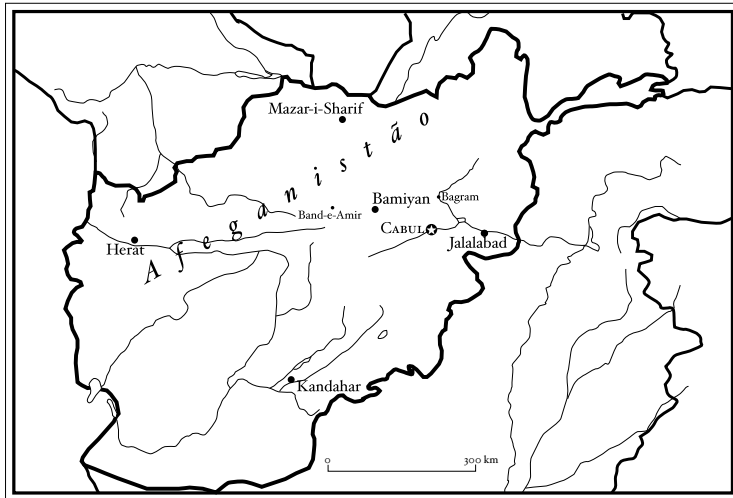
Vamos com ela aos jardins de Babur. Descobrimos com ela — num país masculino, onde até na morgue há frigoríficos distintos para os cadáveres de homens e mulheres — a herança da extraordinária rainha Gowar Shad. Mergulhamos o olhar no azul intenso de Band-e-Amir, um milagre atribuído a Ali, primo e genro do Profeta, que continua a proporcionar a quem o visita os bens mais escassos num país em guerra: tranquilidade e alegria.

Aquilo que aqui, a ocidente, a milhares de quilómetros de distância, é apenas um borrão sem nome, uma massa de ideias vagas e de lugares-comuns, geopolítica e geoestratégia, toma a forma de gente concreta, ganha contornos, espessura, rosto.

O facto de Alexandra Lucas Coelho escrever tão bem faz o resto. É o meio de transporte em que viajamos por um lugar aonde, é quase certo, nunca iríamos de outro modo.

CARLOS VAZ MARQUES

ÍNDICE



AS FOTOGRAFIAS DESTA VIAGEM ESTÃO EM:
www.cadernoafegao.tintadachina.pt

13	Dubai — Cabul
81	Cabul — Herat
103	Herat — Cabul
151	Cabul — Jalalabad
173	Jalalabad — Cabul
181	Cabul — Kandahar
231	Kandahar — Cabul
277	Cabul — Mazar-i-Sharif
289	Mazar-i-Sharif — Bagram — Cabul
293	Cabul — Bamiyan
307	Bamiyan — Band-e-Amir — Bamiyan
319	Bamiyan — Cabul
329	<i>Agradecimentos</i>
331	<i>Bibliografia</i>
333	<i>Nota biográfica</i>

DUBAI — CABUL

31 de Maio de 2008

TERMINAL 2 do aeroporto do Dubai, 6h30. Embarque para Cabul às 7h na Kam Air.

Esqueci em Lisboa o lenço que ia pôr quando saísse do avião. Compro o mais discreto que encontro (poliéster preto com lantejoulas *made in India*) enquanto embarcam afegãos para o voo anterior ao meu. Homens de *shalwar kamiz** com turbante ou *taqiyab***. Uma mulher numa cadeira de rodas, coberta da cabeça aos pés como um saco preto.

Todas as empregadas do *free shop* são chinesas. As da casa de banho também. No hotel, um indiano de Kerala e um negro do Benim. No táxi, um paquistanês de Lahore.

Navida, a minha vizinha de voo, tem 25 anos, estuda Psicologia em Los Angeles e vai casar com um afegão que estuda Medicina na Turquia. Saiu de Cabul em 2000 e está a voltar pela primeira vez. Vem com a mãe e as duas irmãs. Têm pele clara e cabelos escuros, compridos e lustrosos. São lindas. A meio do voo vão à casa de banho pôr lenços na cabeça e túnicas por cima dos *jeans*.

* Conjunto de camisa muito comprida e calças largas usado no Afeganistão, no Paquistão e na Índia.

** Touca bordada ou de croché que cobre o cimo da cabeça.

O resto do voo é uma mistura de homens de meia-idade com contratos e homens musculados com tatuagens. A tripulação é toda chinesa.

O avião voa baixo. Montanhas cor-de-terra com picos brancos. Um grande deserto. Nem homens, nem casas, nem verde. Depois, mais montanhas abruptas e o avião desce para Cabul.

Aviões. Helicópteros. Aparato militar. Filas ordenadas para o passaporte. Anúncios dos novos hotéis de Cabul e da rede móvel Roshan com mulheres de cabeça descoberta. Pilhas de bagagens despejadas no chão e cada um procura a sua. É o grande caos até que aparece Joaquim Fernandes, oficial da Força Aérea em comissão de serviço civil na ISAF*, magro, anguloso, pernas finas, bíceps.

Como vive no aeroporto ficara de ir ter comigo à chegada, e agora faz-me um *tour* Kaia (Kabul International Airport).

A zona onde os passageiros não entram é uma base militar. Contentores e contentores com milhares de soldados e contratados. Cada contentor é uma grande caixa. Entra-se e há um corredor com portas de um lado e do outro, pares de botas à porta, minúsculos quartos lá dentro. Joaquim dorme num destes quartos-cela com o filho, Vasco, 22 anos, enfermeiro, que veio de Elvas e ontem foi sair à noite em Cabul. Mostra-me a bandeira portuguesa ao lado da cama bem feita. Está tudo organizado, mas falta ar, espaço, luz. Há mais de um ano que Joaquim aqui vive. Nunca saiu do eixo Kaia-Cabul. Nunca comeu arroz *pulao*.

* International Security Assistance Force, as tropas estrangeiras no Afeganistão.

Cá fora, um labirinto de *bunkers* em caso de ataque (último ataque, ontem: um bombista suicida na estrada Aeroporto-Cabul contra dois jipes americanos, feriu os americanos e matou afegãos). Mesas de *snooker*, salão de beleza, bar italiano, restaurante francês (ecrã gigante, *wireless*, péssimo café, *fast food*). À porta das tropas belgas, um Lucky Luke em tamanho de homem indica a distância para Bruxelas (5433,3 quilómetros).

Calor, pó, garganta seca, nariz entupido.

No controlo de tráfego aéreo, o chefe de Joaquim é húngaro e há mil pessoas de 30 nacionalidades.

Sami, o motorista a quem os portugueses telefonam quando vão a Cabul, chega para me levar e Joaquim insiste em ir também. «Boa gente», tinha dito o João Carvalho Pina*.

Bancas de estrada assentes em troncos. Parabólicas em cima de telhados de zinco. Casas de terra batida, velhos táxis amarelos, *chaikhanas***.

Cabul. Nem uma mulher de cabeça descoberta. Algumas mulheres de *burqa* azul. Trânsito a saltar nos buracos, e engarrafado. Muita poeira. Dor de cabeça. Dor de músculos.

Há hotéis em ruínas e hotéis caros. A maior parte dos forasteiros aloja-se em *guest houses*, casas adaptadas a hóspedes. Há *guest houses* acima dos cem dólares por noite. E há *guest houses* por menos de metade disso.

Primeiro a Park Residence, central e triste. Tipos de *kalashnikov* à porta, uma chinesa monossilábica na recepção.

* Fotógrafo português (<http://www.joao-pina.com>).

** À letra, casas de chá. Estabelecimentos, em geral rudimentares, para beber, comer e repousar ao longo do que foi a Rota da Seda.

Depois o Kabul Lodge, numa ruela de pedras e pó. Com pequeno-almoço, roupa lavada e Internet, custa 50 dólares. Fico.

Tomo um chá com Joaquim sob o alpendre que dá para o jardim. Os rapazes da casa são tajiques* simpáticos. Arranjam-me um cartão SIM. Já tenho um número afegão. Há Internet por cabo nos quartos, mas não está a funcionar. Quando recebi a chave do quarto 24, um dos rapazes afegãos e Peter, o holandês do quarto 26, esventravam o computador central no jardim.

Cabul parece uma aldeia em silêncio. Um cão a ladrar ao longe, um carro.

* Segundo grupo étnico no Afeganistão, a seguir aos *pashtun*.

CABUL

1 de Junho

ACORDO ÀS IOH, refeita. Chá, queijo e pão duro sob o alpendre. Peter continua à volta do computador central. Um dos rapazes lava os vidros, ou seja, limpa-lhes o pó com um pano, aos saltos. Rosas lindas no jardim. Peter com péssima diarreia. Vamos ao meu quarto para eu lhe dar pacotes de Re-Hedrat, mas deixando a porta aberta, não vão os afegãos pensar o pior. De caminho, ele muda uma configuração no meu portátil e fico ligada à rede.

— Sabes quem vivia naquela casa ali? — pergunta Peter, apontando da minha janela.

Depois sorri.

— Alguém muito famoso, não o conseguem encontrar.

— Não.

— Sim.

Foi Haider, o dono do Kabul Lodge, quem lhe contou. Ali vivia Osama bin Laden e aqui era a sede *taliban*.

Peter vai ao *ball* dos quartos mostrar uns vidros.

— Vês? Restos de tinta. Pintados para não se saber o que se passava cá dentro.

Indica uma escadinha no jardim.

— Lá em baixo, na cave, tinham uma prisão. Isto antes de Osama ir para Kandahar preparar o 11 de Setembro.



